

PEDRO DEMO

# Metodologia Científica em Ciências Sociais

*3ª Edição Revista e Ampliada*



EDITORA ATLAS S.A.  
Rua Conselheiro Nébias, 1384 (Campos Elísios)  
01203-904 São Paulo (SP)  
Tel.: (011) 221-9144 (PABX)  
<http://www.editora-atlas.com.br>

SÃO PAULO  
EDITORA ATLAS S.A. – 1995

© 1980 by EDITORA ATLAS S.A.  
Rua Conselheiro Nébias, 1384 (Campos Elísios)  
01203-904 - São Paulo (SP)  
Tel.: (011) 221-9144 (PABX)

1. ed. 1980; 2. ed. 1989; 3. ed. 1995; 3ª tiragem

ISBN 85-224-1241-3

**Impresso no Brasil/Printed in Brazil**

Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A Lei nº 5.988/73 regula os direitos autorais e o Código Penal brasileiro estabelece no artigo 184 penalidades para quem infringir a lei.

Capa: Paulo F. Leite

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Demo, Pedro, 1941-  
Metodologia científica em ciências sociais / Pedro Demo. – 3. ed. rev. e  
ampl. – São Paulo : Atlas, 1995.

Bibliografia.  
ISBN 85-224-1241-3

1. Ciências sociais – Metodologia    2. Ciências sociais – Pesquisa  
I. Título.

95-0639

CDD-300.18

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Metodologia : Ciências sociais 300.18

Para

MINHA MÃE,

incentivadora dos meus estudos.

Esta postura contém certamente uma fé: a fé na razão, que sendo muitas vezes insensata, é, apesar disso, quem pode qualificar e criticar a insensatez.<sup>20</sup> A discussão livre supõe o contexto da liberdade, que inclui, entre outras coisas, também a possibilidade de não-consenso. Supõe, por coerência, também, que se abuse da liberdade. Mas crê que a maneira mais segura de se conservar espírito crítico é manter o crédito que se dá à nossa instância crítica: a razão. Ela não precisa submeter-se sequer aos fatos. É em nome dela que, apesar de todos os fatos em contrário, não desistimos de uma sociedade mais igual, e, se possível fora, totalmente igual. A presença da utopia é a luta diária da razão contra os fatos, em nome da esperança. Se a razão pode desvirtuar a crítica, pois é ela que forja sofismas e ideologias, é capaz também de desmascará-los, à medida que exerce autocrítica. É dúbia e reflexa: racional e irracional; crítica e autocrítica; comete erros, mas a partir deles se supera.

Por isso, é critério arriscado e ambíguo. No entanto, é marca de sua processualidade dialética, na unidade de contrários. Do risco nasce a aventura da criação, como pode nascer o caos.

Na contramão surge a **credulidade**, porque ninguém consegue autocrítica perfeita, como se pudéssemos conhecer-nos irrestritamente. Por mais que seja marca da precariedade, a credulidade tem seu lado importante, porque é o acerto realista com o compromisso de crítica. Só criticar, além de atividade destrutiva parasitária, leva ao azedume profissional. Humanamente, é mister crer em alguma coisa, porque ninguém é tão perfeito que não sinta falta de uma bengala. A credulidade mais aceitável será aquela que opta por um tipo de metodologia, ciente de que não é a última palavra, mas de que, entre as opções possíveis, é a que lhe pareceu mais fundamental, por enquanto. Existe nisto credulidade, porque toda construção científica, sobretudo no seu espaço e tempo sociais, convive com ideologias e autoridades. Mas é uma credulidade "razoável", porque se alimenta da impulsividade e da insensatez da razão.

20. MARCUSE, H. *Reason and revolution; Hegel and the rise of social theory*. New York, Humanities, 1954. DUERR, H. P. *Traumzeit, Ueber die Grenzen zwischen Wildnis und Zivilisation*. Stuttgart, EVA, 1983. TRAUBE, K. *Wachstum oder Askese?; Kritik der Industrialisierung von Beduerfnissen*. Frankfurt, Rororo, 1982. GLASER, H. & STAHL, K. H. *Die Wiedergewinnung des Aesthetischen*. Stuttgart, Juventa, 1974. LEDERER, K, org. *Human needs; Delgeschlager*. Koenigstein, Gunn & Hain, 1980. FROMM, E. *Haben oder Sein; die seelischen Grundlagen einer neuen Gesellschaft*. Stuttgart, Deutsche Verlagsanstalt, 1976. DIRKS, W. et alii. *Existenzwissen*. Frankfurt, *Frankfurter Hefte*, Extra 5, Mai 1983.

## 3

# Pesquisa Metodológica: Potencialidades e Limites

## 3.1 METODOLOGIA COMO PESQUISA

Metodologia é disciplina instrumental para o cientista social. Alguns se dedicam a ela especificamente e fazem dela um campo próprio de pesquisa. Mas, apesar de instrumental, é condição necessária para a competência científica, porque poucas coisas cristalizam incompetência mais gritante do que a despreocupação metodológica. Perguntar-se sempre o que faz científica a ciência é preocupação que está na origem da capacidade produtiva.<sup>1</sup>

Como pesquisa, significa a produção crítica e autocrítica de caminhos alternativos, bem como a inquirição sobre os caminhos vigentes e passados. Conteúdos mais evidentes da preocupação metodológica seriam:

- a) Em primeiro lugar, a metodologia questiona a **cientificidade** da produção científica, colocando em discussão sua **demarcação**, coisa de que já tratamos com algum detalhe. Pode ser vista de modo apenas formal, como é uso em posturas positivistas e estruturalistas, e na confluência do formal e do histórico, como estamos tentando aqui.

1. CERVO, A. L. & BERVIAN, P. A. *Metodologia científica*. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1973. WEATHERHALL, M. *Método científico*. São Paulo, Edusp, 1970. LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. *Metodologia científica*. São Paulo, Atlas, 1982. ———. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo, Atlas, 1982. VERA, A. A. *Metodologia da pesquisa científica*. Porto Alegre, Globo, 1974. PRIM, R. & TILMANN, H. *Grundlagen einer kritisch-rationalen Sozialwissenschaft*. Muenchen, Quelle & Meyer, 1979. HABERMAS, J. *Zur Logik der Sozialwissenschaften*. Frankfurt, Suhrkamp, 1970. OPP, K. D. *Methodologie der Sozialwissenschaften und Positivismus*. Frankfurt, Rororo, 1976. TOPITSCH, E., org. *Logik der Sozialwissenschaften*. Koln-Merlin, Kiepenheuer & Witsch, 1965. SMART, B. *Sociologia, fenomenologia e análise marxista; uma discussão crítica da teoria e da prática de uma ciência da sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. DEMO, P. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo, Atlas, 1985. TOPITSCH, E. & SALAMUN, K. *Ideologie; Herrschaft des Vor-urteils*. Frankfurt, Langen Mueller, 1972.

- b) Em segundo lugar, questiona-se a **construção do objeto científico**, dentro do contexto da discussão sobre “objeto construído”. A questão mais incisiva seria o desenvolvimento da concepção de realidade que está por trás da opção metodológica, dela dependente e mesmo decorrente. Isso ajuda a definir o paradigma científico, a contextualizar no espaço e no tempo, a elucidar os fundamentos formais e históricos, a antever horizontes ideológicos, e assim por diante.
- c) Em terceiro lugar, estudam-se **abordagens** metodológicas, clássicas e atuais, bem como alternativas, tais como: **empirismo, positivismo, dialética, estruturalismo, sistemismo, posturas alternativas do tipo pesquisa participante** etc.

Na segunda parte desta obra nos dedicaremos a tais abordagens. Aqui interessa preliminarmente apenas levantar pontos pertinentes da pesquisa metodológica. Assim, para cada abordagem é possível pensar em questionamentos, tais como:

- **categorias básicas:** todo corpo científico possui um punhado de categorias vitais, sobre as quais se centra, como é, por exemplo, a unidade de contrários para a dialética, a propriedade formal lógica para o positivismo, prática histórica para a pesquisa participante etc.;
- **autodefinição:** usando a crítica interna, trata-se de compreender como se põe cada abordagem, o que promete, o que imagina superar, o que deseja inovar;
- **fenômenos sociais privilegiados:** como a realidade toda não está em nenhuma abordagem, é fundamental desvendar o que se acha mais relevante na realidade, como a infra-estrutura econômica para certa dialética, o consenso social para o funcionalismo, o inconsciente para o estruturalismo;
- **pressupostos ontológicos:** mundivisão subjacente, mesmo em nível de pressupostos obscuros, que são pontos gratuitos de partida, impenetráveis à fundamentação científica posterior; para por-se a captar a realidade, supõe-se ter uma concepção dela, que vai delimitar a opção por métodos;
- **pretensão crítica:** que paradigma(s) busca refutar, e qual o novo que imagina inaugurar; qual sua originalidade;
- **ideologia:** a que tipo de projeto social serve, à revelia, por ingenuidade, ou por sagacidade;

- **escolas:** não existe uma dialética, um positivismo; todas as abordagens seguem interpretações internas heterogêneas e mesmo contraditórias;
  - **comparação crítica:** confronto das várias abordagens, partindo da crítica interna, para permitir opções conscientes, críticas e autocríticas;
  - **tendências atuais:** indagação sobre os rumos emergentes, revisões, polêmicas relevantes.
- d) Em quarto lugar, a metodologia dedica-se a **aferições metodológicas**, cujo conteúdo mais central é a análise minuciosa de determinada produção científica, de determinado autor, de determinada escola. Podemos imaginar alguns tópicos pertinentes:

- **aplicação de critérios de cientificidade**, sobretudo do ponto de vista da crítica interna, mas também da intersubjetividade, sem esquecer o problema da qualidade política;
- **modo peculiar de argumentação:** maneira pessoal ou típica de conduzir as fundamentações teóricas, que inclui pontos indiscutíveis de partida, teses aceitas, autoridades respeitadas e também propostas próprias bem ou mal conduzidas;
- **ideologia latente ou manifesta:** em termos de qualidade política, que tipo de projeto de sociedade está por trás dela, está explícito, ou ela esconde;
- **a que escola metodológica se filia**, ou se aproxima, ou de quais se afasta, e ainda que caminhos próprios sugere;
- **balanço entre teoria e prática:** como é tratado ou camuflado o problema;
- **lugar da teoria e da empiria:** como aparece a atividade específica do cientista — papel do teórico, papel do coletor, mensurador e analista de dados quantitativos, papel do crítico;
- **originalidade:** que traz de novo, que repete;
- **capacidade crítica**, sobretudo como autocrítica: o que derruba e o que constrói.

### 3.2 A CRIATIVIDADE SOCIALIZADA

Metodologia contém a idéia de **caminho a ser seguido**, podendo-se atribuir ao metodólogo a tonalidade moralizante do guarda de

trânsito. O rigor lógico pode ser tomado tão a sério que, em vez de ser caminho da produção criativa, se torna fim em si mesmo. O cientista "quadrado" pode originar-se da sujeição obtusa a normas metodológicas.

É preciso repisar que metodologia é instrumental para a pesquisa e não a pesquisa. Existe dificuldade real de se adequar a preocupação metodológica com a criatividade científica, se a definirmos como construção para além da tautologia, da repetição do já dito, insistindo-se na espontaneidade, mais que em cerceamentos, capaz de ver no método uma potenciação do inventivo, não a obsessão normativista. Talvez seja esta a mágoa do metodólogo: o espírito inventivo aprende metodologia mais para saber rejeitar do que seguir, assim como o artista aprende regras da arte sabendo que arte realmente criativa surge depois das regras e quase sempre contra as regras. Entretanto, para desprezar as regras, é mister dominá-las.

Dentro da conotação social do processo científico, é mais fácil interpretar esta limitação metodológica a partir da constatação corriqueira de que a **sociedade é uma norma**. Viver em sociedade significa inevitavelmente institucionalizar um tipo médio de comportamento, dito normal, porque seguido pela maioria. Se a toda hora inventássemos um comportamento inesperado, instalaríamos o caos. A sociedade e qualquer instituição funciona pela normalidade, repetindo todo dia o dia anterior. Torna-se tranqüila, previsível, funcional. No extremo, torna-se "camisa-de-força", quando se tolhe toda a individualidade própria, se impõe norma dominante que oprime pessoas e grupos. Em toda sociedade há uma estrutura de normas, valores, codificados na cultura, bem como de sanções, voltadas a garantir o seguimento deles. Esta é uma necessidade institucional, mas é igualmente o signo inevitável da mediocridade. É o reino do "bom menino", obediente, respeitoso, dócil, que os pais desejam para si.<sup>2</sup>

Se assim é, decorre que a **ciência também é uma norma**, porque, no lastro de uma produção também tipicamente social, não pode institucionalizar-se sem normas, valores, ritos e mitos, que conformam o comportamento dos cientistas. Metodologia aparece neste espaço como o reflexo mais direto desta decorrência. Em parte, pelo menos, a formação científica é **domesticação do candidato**, de quem se espera que assimile as regras da conduta científica e as reproduza com fidelidade. Pode-se dizer que o rigor metodológico prefere o fiel ao competente, porque tende a definir competência como fidelidade metódica.

Há um texto candente de McLuhan, que assim diz: "Já salientamos, muitas vezes, que o professor é o único profissional cujo fracasso é atribuído, automaticamente, a suas vítimas: **se o aluno não aprende, é que não estudou**, jamais foi culpa do professor... Toda máquina escolar é feita para garantir uma platéia (auditório) dócil ao professor, sem se indagar se o professor é um ator que mereça atenção. Qualquer ator adoraria dispor de uma máquina assim, que, se não aplaude, pelo menos não vaia... Muita vez, os professores são pessoas com profundos problemas de personalidade, chegando ao limiar da psicose, sem que os alunos possam alegar motivos como estes para rebelar-se, como acontece, tantas vezes, com relação a pais e mães esquizofrênicos ou maniaco-depressivos. Todos aceitam, facilmente, que todo professor (pai e mãe) seja normal e que os alunos que contra ele se rebelam sejam delinquentes... Os professores têm, pois, um **auditório-cativo**, por mais repugnantes que sejam suas 'aulas' para seus ouvintes. É evidente que as coisas não continuarão assim. No futuro, admitir-se-á (mesmo para os professores normais) que certos alunos não tolerem certas aulas, podendo fazer opções. Aliás, só agora se percebe o absurdo de fazer todos os alunos aprenderem as mesmas coisas, como nos restaurantes coletivos de internatos... A aprendizagem padronizada estimula o isolamento, porque priva da necessidade de **comunicação**: ninguém tem nada a dizer a ninguém... Quanto mais diferentes os indivíduos, mais possibilidades de transmitirem uns aos outros sua experiência (comunicação — tornar comum a experiência). O aluno, pois, como num supermercado, numa livraria, no **dial** do rádio ou da televisão, escolherá, das ofertas possíveis, a que melhor lhe convier. Ora, se a escolha é livre, o professor não terá de usar coação (punições, exames, diplomas) para obter resultados. Enquanto o professor tiver o poder de destruir o aluno mediante **reprovação**, o sistema escolar estará, fundamentalmente, corrompido pela coação irresistível. Não se trata de suprimir a **avaliação** (diagnóstico-prognóstico), mas de retirar da avaliação o poder de destruição e de atemorização, donde surge a fraude (cola). Daí a avaliação passar para a própria 'classe', entregando-se aos jovens o poder de autodiagnosticar. Quem já não viu os jovens formando um **time**, mediante 'par ou ímpar', sabe como eles são justos, rigorosos e objetivos em se autoavaliarem. Dessa forma, o 'técnico do time' não joga o jogo da educação: preside a atividade como um **expert** que critica, sugere, estimula, mas não decide. Não há **orador e auditório**, mas um grupo de trabalho assessorado pelo perito. Esta posição é muito mais dignificante para o 'professor' que a de carcereiro e carrasco, com que se deliciam os temperamentos sádicos."<sup>3</sup>

2. DAHRENDORF, R. Homo sociologicus. In: ———. **Ensaio da teoria da sociedade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1974. p. 32-106. DAHRENDORF, R. **Sociedad y libertad: hacia un análisis sociológico de la actualidad**. Madrid, Tecnos, 1966. DEMO, P. **Sociologia: uma Introdução crítica**. São Paulo, Atlas, 1985. DAHRENDORF, R. **Sociedad y sociología**. Madrid, Tecnos, 1966.

3. Texto de McLuhan, citado em LIMA, L. O. **Mutações em educação segundo McLuhan**. Petrópolis, Vozes, 1971. p. 28-9.

Na concepção **nomotética** da ciência já existe a expectativa normatizante: a realidade tem comportamento necessário, regido por leis estritas, no contexto rígido de causa/efeito. Não há margem de liberdade, como se, de repente, uma pedra em queda livre "resolvesse" não cair. Em ciências sociais não há determinismos desta espécie, mas conserva-se a expectativa da regularidade, da média estatística, que está em todas as formas de institucionalização, fundada na normalidade.

Marcuse, ao analisar a propensão sistêmica da sociedade moderna, que prende a razão a um tipo de racionalidade funcional, coibindo mudanças importantes, parte para uma visão da necessidade de ultrapassar limites, soltando a criatividade. A unidimensionalidade desta sociedade está sobretudo na repressão sibilina e sagaz que faz das forças alternativas, sobretudo cooptando-se no sistema, e assim desfazendo seu potencial mobilizador.<sup>4</sup> Dá importância a algumas categorias libertadoras, como a **fantasia**, **parceira da utopia**, a **arte** e a **dimensão estética**, bem como a expressões contíguas como a **intuição** e o **impulso lúdico**.<sup>5</sup>

Poderíamos talvez sintetizar esta preocupação tão interessante na concepção da **teoria crítica**, capaz tanto de atender aos reclamos da lógica e das formalidades estruturais e históricas quanto de jogar sobre tudo isso o desprezo consciente de sua tendência à mediocridade. É proibido proibir. A norma é a contranorma. A cultura é a contracultura. A ciência bem comportada cuida apenas da casca normal da vida e prefere tratar aquilo que na realidade apresenta face mensurável, quantificável, testável. Tende a considerar **mais** real aquilo que se **ensaca** mais facilmente nos estereótipos do método. Em vez de a metodologia aparecer como condição de emancipação da razão crítica, torna-se sua carcereira.<sup>6</sup>

"É que a realidade do mundo está sempre para ser retomada, estando sob a responsabilidade da razão. E a razão nunca parou de ser insensata para tratar de se tornar sempre mais racional. Se a

razão não fosse racional, acabaria um dia se contentando com seu êxito, dizendo sim a seu ativo. Mas é sempre não e não. Como explicar este poder de negação perpetuamente relançado? Numa admirável fórmula, Bachelard disse um dia que 'nós temos o poder de acordar as fontes'. Ora, encontra-se no coração mesmo do homem uma fonte que não se esgota nunca, que não precisa ser acordada e é a fonte mesma daquilo a que a filosofia durante muito tempo rendeu homenagens, ao sono do corpo e do espírito, a fonte dos sonhos, das imagens, das ilusões. É a permanência deste poder originário, literalmente poético, que constrange a razão a seu esforço permanente de denegação, de crítica, de redução. A dialética racional, a ingratidão essencial da razão pelos seus êxitos sucessivos não fazem senão designar a presença na consciência de uma força nunca esgotada de diversão (divergência) do real, de uma força que acompanha sempre o pensamento científico, não como uma sombra, mas como uma contraluz. Ao observar bem, poder-se-ia compreender, se fosse de outra maneira, que uma cascata ininterrupta de negações não terminasse enfim, de corte em corte e de resíduo em resíduo, no vazio e no nada? Se o espírito científico só pode constituir-se sobre as ruínas do espírito não científico, não é necessário admitir que este espírito não científico, que só se pode chamar assim pela sua relação com a ciência quando ela o negou, seja mais que uma vaidade entrevista no momento mesmo do seu desfalecimento? É preciso que ele seja, à sua maneira e por seu lado, uma força autêntica, mesmo que seja de jogo, e que obrigue a razão a se decidir e a se definir ela própria como força de o barrar."<sup>7</sup> Esta passagem de Canguilhem sobre Bachelard realça de forma feliz o crédito depositado a favor da razão como força negadora e crítica. A "má vontade crítica", que chega mesmo a ser formulada como "anticiência" é colocada como mola mestra propulsora da atividade científica.<sup>8</sup>

Não se trata de um conceito racionalista formalista de razão, de estilo positivista. É todo o contrário, na unidade de contrários. A irracionalidade nem sempre é um lapso, mas o lado criativo da razão, quando aparece como poesia, como arte, como invenção, como revolução. Assim, ciência racional não é aquela que resseca o espírito, porque quer o homem como ator fora de cena; ao contrário, é aquela capaz de ver a forma, mas sobretudo de querer a felicidade

4. MARCUSE, H. *Ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro, Zahar, 1969. ILLICH, I. *Selbstbegrenzung; eine politische Kritik der Technik*. Frankfurt, Rowohlt, 1975. LOEW, J. *Ausbeutung des Menschen durch den Menschen*. Stuttgart, DIV, 1974. ULLRICH, O. *Technik und Herrschaft*. Frankfurt, Suhrkamp, 1977.

5. MARCUSE, H. *Eros e civilização; uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro, Zahar, 1968. HENTIG, H. *Magier oder Magister?: Ueber die Einheit der Wissenschaft im Verstaendigungsprozess*. Frankfurt, Suhrkamp, 1974. WOLFF, R. P. *In defense of anarchism*. New York, Harper & Row, 1970. JOUHY, E. *Bleiche herrschaft; dunkle Kulturen*. Stuttgart, IKO, 1985. GIZYCKI, H. & HABICHT, H., org. *Oasen der Freiheit; von der Schwierigkeit der Selbstbestimmung*. Frankfurt, Fischer Alternativ, 1979.

6. RUSCONI, G. E. *Teoría crítica de la sociedad*. Barcelona, Martínez Roca, 1969. COOPER, D., org. *Dialética da libertação*. Rio de Janeiro, Zahar, 1968. BAUMAN, Z. *Por uma sociologia crítica; um ensaio sobre senso comum e emancipação*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977. FREITAG, B. & ROUANETT, S. P. *Habermas*. São Paulo, Ática, 1980. SEIFFERT, H. *Marxismus und buergerliche Wissenschaft*. Muenchen, Beck, 1971. HABERMAS, J. et alii, org. *Hermeneutik und Ideologiekritik*. Frankfurt, Suhrkamp, 1973. BIRNBAUM, N. *Toward a critical sociology*. Oxford, Oxford University Press, 1973.

7. CANGUILHEM, G. Sobre uma epistemologia concordatária. In: BACHELARD, G. et alii. *Epistemologia*. Op. cit. p. 52-3. BACHELARD, G. *Épistemologie*. Paris, PUF, 1971. SPINNER, H. F. *Ist der kritische Rationalismus am Ende?* Berlin, Beltz, 1982.

8. CANGUILHEM, G. Op. cit. p. 51-6. KELLERMANN, P. *Kritik einer soziologie der Ordnung*. Frankfurt, Rombach, 1967. JANICH, P. et alii. *Wissenschaftstheorie als Wissenschaftskritik*. Stuttgart, Aspekte, 1974. RAMSTEDT, O., org. *Gewaltverhältnis und die Ohnmacht der Kritik*. Frankfurt, Suhrkamp, 1974. HABERMAS, J. *Die neue Unübersichtlichkeit*. Frankfurt, Suhrkamp, 1985.

histórica da sociedade, a cujo serviço deve estar a ciência. Ciência também como poesia, arte, felicidade.<sup>9</sup>

### 3.3 ANTIMETODOLOGIA

Antes de mais nada, é mister reconhecer que antimetodologia também é metodologia. Pretende-se, no fundo, oferecer sugestões de comportamento que, se seguidas, garantiriam a formação do espírito inventivo. Mesmo que negasse a importância de qualquer método, isso também seria método. A anarquia em si não é factível, a começar pela idéia de comportamento anárquico: se é delineável como comportamento, já não é anarquia. Comportamento anárquico há de significar o esforço de desprender, tanto quanto possível, a atividade científica de padrões tão rígidos que lhe entravam a criatividade.<sup>10</sup>

Os limites da antimetodologia são os mesmos da teoria crítica. Na teoria pode dar-se como radical, no sentido de não reconhecer qualquer necessidade de método, ou de pretender mostrar que criar somente se poderia fazer destruindo o método. Mas, desde que seja proposta concreta, incorre nas marcas típicas da vida social. De pouco adiantaria destruir tudo, até por ser comodismo barato. Se é para construir, mesmo que sobre os escombros dos métodos vigentes e considerados inúteis, temos que apresentar alguma coisa de concreto, com pé e cabeça, com começo, meio e fim, o que já significa algo não propriamente anárquico em sentido estrito. Segundo o espírito da coisa, que é o que conta aqui, antimetodologia é a crítica autocrítica da metodologia, na busca de metodologias alternativas, que sejam mais consentâneas com as marcas históricas da realidade social e falem da felicidade humana.<sup>11</sup>

Ao mesmo tempo, é preciso ter em mente que, se a dita anti-metodologia se institucionalizar, tornando-se método corrente, perde seu "anti", assim como uma revolução institucionalizada, ao tornar-se ordem vigente, deixa de ser revolucionária. Da mesma forma, a contracultura, ao alcançar situação normalizada, torna-se cultura comum. Sociologicamente falando, esta problemática aponta outra vez para a dialética histórico-estrutural, que admite transformações históricas radicais nos conteúdos, mas convive com formas permanentes. Assim, é impossível uma produção científica sem qualquer estruturação institucionalizada, sem parâmetros lógico-formais, sem ritos sociais. Mas, no plano dos conteúdos, podemos reconhecer saltos históricos monumentais, como a guinada do materialismo histórico, a superação da teologia e da filosofia, o advento da pesquisa participante, e assim por diante.

Entretanto, toda novidade, ao sedimentar-se na história, sofre o desgaste da história. Se acreditamos que toda fase gera sua própria superação, tanto em suas condições objetivas quanto nas subjetivas, nenhuma antimetodologia consegue o milagre histórico de não ser tocada pela história. Ou seja, logo mais, se pegar, passa à normalidade, necessitando de outras tantas antimetodologias para se superar.

Por outra, a antimetodologia cumpre papel insubstituível na luta indócil contra as petrificações do método, tentando acompanhar no tempo a realidade também indócil. A atividade científica, como qualquer outra, envelhece, torna-se rotina árida, e pode mesmo virar idiotice nobre. Esses loucos, que dizem as coisas pelo avesso, que começam a frase com vírgula e terminam sem ponto, que não se cansam de inventar moda, podem perturbar a paciência, mas sem eles a paciência não teria conteúdo.

Neste quadro, é difícil aceitar, por mais simpática que seja a posição, a proposta de uma metodologia anárquica, como quer Feyerabend,<sup>12</sup> por exemplo, embora sua mensagem de repúdio à normativização exagerada tenha o maior relevo. "As violações são necessárias para o progresso" (p. 29) e o treinamento metodológico pode decair na adoção do argumento de autoridade como instância primeira e última. "Assim como um animal bem adestrado obedecerá ao dono, por maior que seja a perplexidade em que se encontre e por maior que seja a necessidade de adotar novos padrões de comportamento, assim também o racionalista convicto se curvará à imagem mental de seu mestre, manter-se-á fiel aos padrões de argumentação que lhe foram transmitidos e aceitará esses padrões, por maior que seja a perplexidade em que se encontre, mostrando-se incapaz

9. TOURAINE, A. *Was nützt die Soziologie?* Frankfurt, Suhrkamp, 1976. SOHN-RETHEL, A. *Geistige und körperliche Arbeit*. Frankfurt, Suhrkamp, 1972. ———. *Warenform und Denkform*. Stuttgart, Europaerische Verlagsanstalt, 1971. HORKHEIMER, M. *Die Sehnsucht nach dem ganz Andern*. Berlin, Furche, 1970. MEYER-ABICH, K. M. & BIRNBACHEL, D., org. *Was braucht der Mensch, um glücklich zu sein; Beduerfnisforschung und Konsumkritik*. Muenchen, Beck, 1978. LEPARGNEUR, H. *Antropologia do prazer*. Campinas, Papyrus, 1985.

10. COSTA, C. T. *O que é anarquismo*. São Paulo, Brasiliense, 1985. MALATESTA, E. *Anarquia e outros ensaios*. São Paulo, Novos Tempos, 1987. COELHO, P. A., coord. *Os anarquistas julgam Marx*. São Paulo, Novos Tempos, 1986. COELHO, T. *O que é utopia*. São Paulo, Brasiliense, 1982. COLI, J. *O que é arte*. São Paulo, Brasiliense, 1984. TAVARES, C. A. P. *O que são comunidades alternativas*. São Paulo, Brasiliense, 1985. RIBEIRO JR., J. *O que é magia*. São Paulo, Brasiliense, 1985. ELLUL, J. *Mudar de revolução; o inelutável proletariado*. Rio de Janeiro, Rocco, 1985. KRIEGL, A. *Um comunismo diferente?* Lisboa, António Ramos, 1978.

11. PHILLIPS, D. L. *Abandoning method; sociological studies in methodology*. London, Jossey-Bass, 1973. CAPRA, F. *O ponto de mutação; a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo, Cultrix, 1986. ECO, H. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo, Perspectiva, 1976. ABRAMCZUK, A. A. *O mito da ciência moderna; proposta de análise da física com base de ideologia totalitária*. São Paulo, Cortez, 1981. MAFFESOLI, M. *A conspícuo do presente*. Rio de Janeiro, Rocco, 1984. GIDDENS, A. *Novas regras do método sociológico*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. BAGU, S. *Tiempo, realidad social y conocimiento*. Buenos Aires, Siglo 21, 1973. FEYERABEND, P. *Erkenntnis fuer freie Menschen*. Frankfurt, Suhrkamp, 1979.

12. FEYERABEND, P. *Contra o método*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977. As citações com indicação de página no texto a seguir referem-se a esse livro.

de compreender que a 'voz da razão' a que dá ouvidos é apenas o efeito causal tardio do treinamento que recebeu." (p. 31-2). Assim, a unanimidade de opinião é um fenômeno indesejável (p. 45-57) e a ignorância pode ser concebida como uma "bênção" (p. 177), porque desta insegurança surge sempre a necessidade de inovar. É muito pertinente a crítica impiedosa à "obediência a regras fixas e universais" (p. 449), porque leva a uma ciência impositiva por força de ideologias fechadas que se imaginam donas da verdade (p. 453). "Sempre haverá pessoas que preferirão ser cientistas a ser donos de seus destinos e que se submeterão alegremente à mais desprezível forma de escravidão (intelectual e institucional), contanto que se vejam bem pagas e que tenham em torno de si quem lhes examine o trabalho e lhes cante louvores." (p. 454.) E fora da ciência pode haver saber, até mesmo mais adequado, que recomendaria o uso de todos os métodos e o recurso a todas as idéias aproveitáveis que levem a um conhecimento mais aproximado da realidade. A visão de que **extra scientiam nulla salus** (fora da ciência não há salvação, numa alusão à igreja católica que pretendia o monopólio da salvação) só pode ser ideologia de defesa da ciência (p. 462). Todas as metodologias têm limitações (p. 43) e por isso vale sempre a pena tentar outros rumos (p. 27) — "Tudo vale". Talvez seja até mesmo razoável admitir o recurso a "hipóteses não fundadas" (p. 87), se delas retiramos a possibilidade real de uma alternativa explicativa. Porque "a ciência não é sacrossanta", contém "desvios", "erros", que são "precondições de progresso" (p. 279).

Por essas posturas aparece, certamente, a idéia de que o anarquismo é muito mais estratégia metodológica do que destruição pura e simples de tudo. Existem afirmações excessivas, como a da "rejeição de todos os padrões universais e de todas as tradições rígidas" (p. 22). Mesmo que se aceite que o debate entre ciência e mito "se encerrou sem vitória para qualquer dos lados" (p. 267), isso não leva à idéia de uma derrubada total. É difícil captar claramente o que Feyerabend entende por "epistemologia anárquica" (p. 267). Diz ele que "o anarquismo epistemológico difere tanto do ceticismo quanto do anarquismo político. Enquanto o cético vê tudo como igualmente bom ou igualmente mau, ou desiste completamente de formular juízos dessa espécie, o anarquista epistemológico não sente escrúpulo em defender o mais banal ou o mais afrontoso enunciado. Enquanto o anarquista político ou religioso pretende afastar certa forma de vida, o anarquista epistemológico desejará, talvez, defendê-la, pois não tem lealdade permanente para com qualquer instituição, nem permanente aversão contra ela" (p. 292-3). A diferença para com o ceticismo parece clara, porque este é de estilo absenteísta; mas a diferença para com o anarquismo político é menos perceptível. O anarquismo político está sempre contra a "ordem de coisas estabelecidas" (p. 290); vive de ser contra. O anarquismo epistemológico

não é absenteísta, pois crê no conhecimento, mas é típica dele a aversão a uma posição rígida, mesmo quando esta posição é rigidamente contra a ordem estabelecida; pois pode também defendê-la, se lhe parecer razoável. É sobretudo pertinente o agarramento à provisoriedade dos posicionamentos. Nesse sentido, o anarquismo de Feyerabend é relativamente mitigado, porque, em vez de uma derrubada total que transparece em momentos mais exaltados, se trata de uma estratégia metodológica alternativa, para garantir alternativas. Na medida em que é forma de produzir conhecimento, é menos "anarquismo" do que busca constante de abertura científica.

No calor da batalha, Feyerabend por vezes exagera nos termos, como no momento em que, reconhecendo que a universidade sacraliza a posição autoritária do professor, acaba por recomendar a dispensa dele (p. 338). É diferente a posição de McLuhan, que busca relativizar o professor, não dispensá-lo. Caso contrário, cairíamos na idéia vazia de ciência espontânea, desconhecendo o fenômeno institucional na sociedade.<sup>13</sup> Pode ser que os "charlatões" científicos existam mais devido ao excesso do que à falta de controle (p. 340), mas a falta de controle também não é garantia ao espírito inventivo. No todo, porém, parece tratar-se mais de defesa da abertura crítica do que de fechamento intransigente dentro de uma posição anarquista, que já seria pouco anárquica. Nesse sentido, a obra de Feyerabend guarda mérito incomensurável, pelo menos nos seguintes aspectos:

- valoriza a dimensão emancipadora da ciência, desde que seja resultado da liberdade humana;
- valoriza outras formas de saber, também capazes de ser úteis à sociedade;
- estigmatiza com razão a postura mítica da ciência que imagina acabar com todos os mitos para poder ser o próprio mito;
- empresta à metodologia a dimensão da utopia criativa;
- insinua que a ciência, em sua prepotência, reverencia a autoridade mais do que pensa, e muitas vezes não vai além de ser substituto barato da religião;
- liga com força inaudita o conhecer ao criar e empresta à atividade científica o compromisso com o humanismo para que possa tornar o homem mais feliz.<sup>14</sup>

13. ILLICH, I. *Sociedade sem escolas*. Petrópolis, Vozes, 1979.

14. FEYERABEND, P. Consolando o especialista. In: LAKATOS, I. & MUSGRAVE, A., org. *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo, Cultrix, 1979. p. 244-84. BENJAMIN, W. *Obras escolhidas; magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1985.